

FRANCISCO SUAREZ

# Disputas Metafísicas

I - II - III

## EDIÇÃO BILÍNGUE

*Tradução e Notas*

CARLOS ARTHUR RIBEIRO DO NASCIMENTO

*Estudos Introdutórios*

CESAR RIBAS CEZAR

JOSÉ FRANCISCO MEIRINHOS

JULIANO DE ALMEIDA OLIVEIRA

PAULA OLIVEIRA E SILVA

  
MADAMU

FRANCISCO SUAREZ

# Disputas Metafísicas

I - II - III

## EDIÇÃO BILÍNGUE

*Tradução e Notas*

CARLOS ARTHUR RIBEIRO DO NASCIMENTO

*Estudos Introdutórios*

CESAR RIBAS CEZAR

JOSÉ FRANCISCO MEIRINHOS

JULIANO DE ALMEIDA OLIVEIRA

PAULA OLIVEIRA E SILVA

*1ª Edição*  
2022

  
MADAMU

Copyright © 2022 by Editora Madamu

1ª edição 2022, Editora Madamu

*Editores*

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

*Revisão*

Equipe Madamu

Prof. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

*Projeto Gráfico*

KOPR Comunicação

*Impresso no Brasil.*

*Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.*

*Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu*

*Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP*

*CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497*

*www.madamu.com.br*

*E-mail: leitor@madamu.com.br*

S939d Suarez, Francisco (1548-1617).

Disputas Metafísicas I - II - III / Tradução e notas de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. 1ª. ed. - São Paulo: Editora Madamu, 2022.

500p., 18 x 28 cm

Título original: *Disputationes metaphysicae*

ISBN 978-65-86224-13-9

1. Filosofia Medieval Ocidental. 2. Religião. I. Título.

CDD: 189.4

CDU: 165.612

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Filosofia 2. Religião

189.4

# SUMÁRIO

ESTUDOS INTRODUTÓRIOS.....	9
Introdução às “Disputas Metafísicas”	
<i>Cesar Ribas Cezar</i> .....	11
Ao leitor, sobre a metafísica como ciência humana	
<i>José Francisco Meirinhos</i> .....	17
Francisco Suarez: A metafísica na aurora da modernidade	
<i>Juliano de Almeida Oliveira</i> .....	23
As disputações metafísicas nas encruzilhadas da razão ocidental	
<i>Paula Oliveira e Silva</i> .....	41
Vocabulário .....	60
DISPUTAS METAFÍSICAS .....	65
<i>Razão e percurso de toda a obra (Ao leitor)</i> .....	67
<i>Compreendendo toda a doutrina dos doze livros de Aristóteles</i> ....	73
Disputa I .....	77
Disputa II .....	305
Disputa III.....	449
<i>Roteiro do parecer de Suarez sobre o conceito de ente, Disputa II, seções I e II</i>	495
<i>Autores citados por Suarez</i> .....	499
<i>Sobre o tradutor</i> .....	500

## AGRADECIMENTOS

**E** ditar um projeto com a magnitude das *Disputas Metafísicas* de Francisco Suarez, ainda que restrito às três primeiras disputas, envolve enorme esforço de muitas pessoas, às quais é preciso agradecer. Eis porque expressamos nosso reconhecimento à contribuição de pessoas como o prof. Matteo Raschiatti, que nos apresentou ao tradutor; à prof<sup>a</sup>. Paula Oliveira e Silva e ao prof. José Meirinhos, da Universidade do Porto, que nos incentivaram exaltando a iniciativa de reeditar no Brasil a tradução das três primeiras disputas.

Etapa necessária para esta edição era obter autorização para reproduzir o texto latino que há anos vem sendo estabelecido pelos professores Michael Renemann e Salvador Castellote Cubells. O contato foi generosamente intermediado pelo prof. Lucas Nogueira Borges, doutorando em filosofia na Humboldt Universität (Berlim). Pudemos contar com a ajuda do prof. Lucas na Alemanha a partir dos contatos compartilhados pelos professores Anselmo T. Ferreira e Alexandre Guimarães T. Soares, da Fundação Fausto Castilho. Fica registrado, assim, nosso agradecimento aos amigos do Brasil e da Alemanha.

Finalmente, um agradecimento especial ao José Carlos Nascimento, filho do Professor Carlos Arthur, que dedicou preciosas horas à digitação de textos, envio de e-mail, manipulação de arquivos eletrônicos e outras atividades que o configuram como um verdadeiro *amanuense* da era digital.

*Editada pela Editora Madamu, em fevereiro de 2022.*

*Estudos Introdutórios*

**CESAR RIBAS CEZAR**

**JOSÉ FRANCISCO MEIRINHOS**

**JULIANO DE ALMEIDA OLIVEIRA**

**PAULA OLIVEIRA E SILVA**

# FRANCISCO SUAREZ: A METAFÍSICA NA AURORA DA MODERNIDADE<sup>22</sup>

*Juliano de Almeida Oliveira*<sup>23</sup>

**F**rancisco Suarez (1548-1617), jesuíta espanhol e renomado professor, é considerado o mais representativo elo entre a escolástica medieval e o pensamento moderno, sobretudo no que se refere à metafísica, que ele sistematizou na sua grande obra *Disputationes Metaphysicae*. Com efeito, ele se encontrava em um momento de transição epocal. Ao final da efervescência humanista dos séculos XV e XVI, que havia se contraposto radicalmente ao modelo cultural da Idade Média, era preciso passar à *pars construens* de uma nova cosmovisão, por um lado distinta daquela medieval; por outro, dela vedadora quanto à matéria-prima. Suarez foi um dos primeiros a trabalhar nesta nova edificação do saber. Curioso é que ele foi e quis ser apenas teólogo, utilizando-se da filosofia como instrumental para suas reflexões. Sem querer e sem prever, lançou as bases do pensamento filosófico moderno, como bem atestou Heidegger (2003, p. 61-66).

O presente estudo visa apresentar, ainda que apenas em grandes linhas, a contribuição de Suarez para a metafísica, sobretudo a novidade metodológica na apresentação de seu pensamento e a mudança de orientação quanto ao objeto desta área filosófica, o que lhe garantiu notoriedade. A partir desses pontos, buscar-se-á também mapear sumariamente a recepção e as repercussões de sua obra.

---

22. O presente artigo é uma versão levemente modificada daquele publicado originalmente em *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*, v. 2, n. 4, 2010, p. 44-57.

23. Doutor em Filosofia pela PUC-SP. Professor da Faculdade Católica de Pouso Alegre (MG).

## 1. *As Disputationes Metaphysicae*: uma metafísica propedêutica à teologia

No curso de suas lições de teologia, Suarez sentiu a necessidade de esclarecer conceitos filosóficos que as fundamentassem, bem como auxiliassem a compreensão e o desenvolvimento do pensar teológico. Tratava-se de um esforço para compreender os pressupostos puramente racionais do saber teológico ou, em outras palavras, da necessidade de elaborar uma teologia natural que precedesse o estudo da teologia revelada.

Os conceitos que Suarez se via obrigado a esmiuçar para seus ouvintes eram de natureza eminentemente metafísica, como hipóstase, essência, existência, subsistência, entre outros, que eram necessários, sobretudo, para os tratados de Trindade e Cristologia. Desta última, Suarez tratava diretamente em sua obra *De Verbo incarnato*, fruto de suas lições de 1584-1585. Daí a ideia de elaborar um opúsculo que abordasse tais premissas metafísicas da teologia cristã, servindo de estudo propedêutico a quem se dirigisse às suas aulas. O opúsculo, que teria como nome *De essentia, existentia et subsistentia*, porém nunca veio a lume.

Na verdade, o que seria uma breve e preliminar exposição de alguns conceitos metafísicos tornou-se uma obra monumental: as *Disputationes Metaphysicae* (DM), publicadas em 1597, em Salamanca. Curiosamente, numa época em que a filosofia buscava edificar-se independentemente de qualquer elemento de fé, a primeira e fundamental obra metafísica da modernidade surgiu como instrumento auxiliar de explicação dos dogmas cristãos (PRIETO LÓPEZ, 2013, p. 52-53).

Suarez abre as DM afirmando que “é impossível que chegue a ser bom teólogo quem antes não assentou solidamente os fundamentos da metafísica” (DM, *Ratio et discursus totius operis*)<sup>24</sup>. Aparece aqui aplicado o axioma medieval da *philosophia ancilla theologiae*, bem como a concepção anselmiana de Teologia como *fides quaerens intellectum*. Ora, a relação entre teologia e filosofia é uma das faces com que se apresenta o binômio fé-razão. Contudo, se à filosofia corresponde a razão em sua maturidade, à teologia não corresponde somente a fé, pois ela é a fé pensada, refletida, aprofundada racionalmente. Assim, a filosofia é intrinsecamente necessária à teologia. Dito de outro modo, não existe teologia

---

24. Utiliza-se a edição bilíngue Latim-Espanhol organizada por Sergio Rábade Romeo, Salvador Caballero Sánchez e Antonio Puigcerver Zanón, publicada na Biblioteca Hispánica de Filosofía pela Editorial Gredos de Madri em 1960-1964. Aqui, v. 1, p. 2.



sem um momento ou uma dimensão de carácter filosófico. A filosofia pode existir sem a teologia, mas a recíproca não se dá. Suarez estava convencido disso, o que motivou sua iniciativa de escrever um tratado de metafísica que embasasse o labor teológico (PRIETO LÓPEZ, 2013, p. 54-57). Além disso, alegava que a metafísica é o saber humano que mais se aproxima do conhecimento das realidades divinas, bem como é capaz de fundamentar toda ciência mediante seus princípios (DM, *Proœmium*).

As DM surgiram num momento histórico delicado: a Reforma colocava em xeque a harmonia entre razão e fé, questionando os fundamentos epistemológicos da teologia, ao que Suarez tencionava igualmente responder. Não se esqueça da profunda marca nominalista que Lutero e seus seguidores traziam, bem como sua visão pessimista quanto ao homem e ao uso da razão. Suarez desejava apresentar uma visão metafísica omniabrangente da realidade, de modo a demonstrar que a Revelação divina se coaduna inteiramente com a razão humana e a leva à perfeição. Não se pode olvidar, contudo, que tal empreitada trazia consigo uma latente fragilidade, como se verá<sup>25</sup>.

Sob o ponto de vista metodológico, as DM assinalam uma inovação. Suarez rompeu com o gênero do comentário, tipicamente medieval, iniciando um tratamento sistemático de cada questão proposta, orientado pela lógica interna dos problemas. Cada um destes era apresentado por ele, juntamente com as posições relevantes dos antigos, medievais e dos seus contemporâneos quanto ao assunto, ao final das quais o autor dava sua própria solução.

Até então, todos os tratados de metafísica conhecidos pelo ocidente medieval e renascentista eram comentários a Aristóteles. Suarez, como preâmbulo das DM, também apresenta os principais elementos presentes nos livros da *Metafísica* de Aristóteles, reordenando-os da forma que ele julgava mais lógica<sup>26</sup>. No desenvolvimento das 54 disputas contidas em sua obra, entretanto, as questões são expostas; as respostas dos diversos pensadores são igualmente

---

25. “Círculo perfeito, pois: não é somente a ontologia que fornece os conceitos fundamentais para pensar a dogmática teológica, mas ainda antes é a teologia que pré-compreende a natureza como ontologicamente e conceitualmente realizada. Que depois a força metafísica desta ‘representação’ do mundo implicasse uma latente debilidade, correndo o risco de dissolver, por assim dizer, em pura natureza aquilo que é outro em relação a ela, serão as vicissitudes da filosofia moderna que o demonstrarão de modo tão evidente quanto dramático” (ESPOSITO, 2007a, p. 24).

26. Suarez o faz no *Index locupletissimus* da *Metafísica* de Aristóteles, um dos cinco índices presentes nas DM. Os outros são: o *Index generalis* do conteúdo das disputas; o *Index rerum præcipuarum*, um precioso vocabulário filosófico; o *Index philosophicus*, referente às questões filosóficas presentes nas DM segundo a ordem então costumeira de tratá-las; o *Index theologicus*, uma concordância dos temas teológicos presentes nas DM e na *Suma de Teologia* de Santo Tomás.

apresentadas, sem privilegiar um ou outro, bem como acrescidas das observações críticas do autor, o qual, por fim, dá uma solução final que lhe pareça mais plausível, inclinando-se ora a uma corrente filosófica, ora a outra<sup>27</sup>. Na época, as principais dentre tais correntes eram o tomismo, o escotismo e o ockhamismo (nominalismo). Por não se filiar a nenhuma delas e aproveitar elementos de todas, Suarez foi classificado de eclético. Na verdade, o que ele pretendia era não mais depender das *auctoritates*, mas da força intrínseca da argumentação lógico-metafísica, o que sem dúvida viria a ser característica marcante da modernidade (BAUER, 2003, p. 273).

Como melhor se verá adiante, Suarez se quer intérprete de Santo Tomás, a quem cita abundantemente nas DM. Contudo, sua proximidade intelectual é muito maior com Duns Scotus.

A estrutura dada por Suarez às DM configura-se em três grandes partes: o ente em geral e suas propriedades gerais: unidade, verdade e bem (Disp. I-XI); o ente enquanto causa (Disp. XII-XXVII); o ente em suas divisões mais universais: infinito e finito, substância e acidentes (Disp. XXVIII-LIII). A última disputa (LIV) trata do ente de razão.

Por tudo isso, as DM se apresentam, sem dúvida, como um momento único de síntese, ou de conclusão, da grande tradição antigo-medieval e também um ponto de passagem decisivo ao pensamento moderno. Trata-se de uma expressão lapidar da “filosofia jesuíta”, síntese livre das linhas medievais da recepção do aristotelismo, dentro da assim chamada “escolástica barroca”. As DM consolidaram-se como *manual* de ensino da filosofia em escolas e universidades, tanto católicas como protestantes, inaugurando este gênero consagrado posteriormente pela obra de Christian Wolff, sobre quem Suarez teve grande influência (ESPOSITO, 2007, p. 7-9).

---

27. Suarez afirma: “(...) julguei que seria mais adequado e útil, salvaguardada a ordem do ensino, inquirir e colocar ante dos olhos do leitor tudo que pode ser investigado e desejado sobre todo o objeto desta sabedoria”. DM, *Ratio et discursus totius operis*.

## 2. Principais conceitos da metafísica de Suarez

### 2.1. “Ente enquanto ente real” como objeto da metafísica

O principal conceito do pensamento metafísico suareziano é o de *ente enquanto ente* (*ens inquantum ens, ens ut sic*), que ele identifica como sendo o objeto próprio da metafísica<sup>28</sup>. Salvo na inspiração de fundo e na formulação, tal conceito não é tomado na mesma acepção que lhe deu Aristóteles<sup>29</sup>. Para Suarez, *ente* é o conceito mais geral que há, pois é irreduzível a qualquer categoria específica e está incluído essencialmente em qualquer outro conceito. *Ente* é, assim, um conceito *transcendental* (= simples e universal) e se identifica com a ideia de real/ realidade.

Para que se entenda o que Suarez quer afirmar com seu conceito de ente *ut sic* é preciso ter em mente algumas distinções que delineiam seu pensamento. Suarez chama a atenção para a diferença entre conceito formal e conceito objetivo. O primeiro é o ato do entendimento em que este concebe algo. O segundo é a coisa ou noção que o entendimento conhece. O conceito formal de *homem* é, assim, o ato pelo qual se concebe o conceito objetivo, que é a noção mesma de homem. “Perguntar-se que é o ente equivale pois a buscar o conceito objetivo que a este termo corresponde no pensamento (...). Trata-se pois para nós de saber qual realidade o entendimento capta e expressa quando pensa o ente como tal” (GILSON, 2008, p. 146).

É preciso aqui ainda distinguir duas modalidades na conceituação de ente: como partícipio e como nome. “Enquanto que o partícipio *ens* designa aquilo que existe aqui e agora, relacionado ao momento atual, o nome *ens* indica ‘formalmente a essência da coisa que possui ou que pode possuir o ser’” (HONNEFELDER, 2002, p. 84). Em outras palavras, ente pode se referir àquilo que existe *hic et nunc*, como também àquilo que pode existir, ou seja, que não é contraditório em si, que possui uma *essência real*. Se de nem todos os entes pode-se predicar a existência atual, a essência real, ao contrário, pode ser atribuída universalmente. Entende-se então por essência real uma orientação para

28. Suarez é um dos primeiros autores a utilizar o termo *objectum* para designar o tema próprio de uma ciência, anteriormente chamado de *subjectum scientiae*.

29. No Livro Gama (IV) da Metafísica, Aristóteles caracteriza a filosofia primeira como “ciência que trata do ente enquanto ente (ón hé ón) e de seus primeiros princípios” (Met., IV, 1003a 20-21). Segundo o Estagirita, ente designa os existentes em ato, primeiramente as substâncias (ousíai), ou em potência para alguma forma, mas nunca o puro possível desprovido de certa atualidade.

o existir, uma aptidão a ser. Ela expressa aquilo pelo qual a coisa é algo de firme e sólido em si, não quimérico ou fictício, mesmo desprovido de existência atual. Note-se, pois, que o conceito de “real” que Suarez emprega significa não-contraditoriedade, não-repugnância aos princípios cognoscitivos do intelecto, e não existência atual<sup>30</sup>.

O conceito nominal de ente abstrai da existência atual, sem negá-la. Assim compreendido, o ente atual é apenas um caso particular do que Suarez chama de *ente real*, aquele que possui essência real, cuja “realidade” é sua aptidão a existir: “(...) o termo ‘ente’ é um nome que pode significar seja o ente simplesmente possível, seja o ente atualmente existente, mas trata-se nos dois casos do mesmo ente, com ou sem a existência atual que pode ulteriormente determiná-lo” (GILSON, 2008, p. 147).

Segundo a concepção suareziana, tal ente real (*ens in quantum ens reale*) é o objeto adequado da metafísica (DM, I, 1, 26). Ao afirmar isto, o autor chama a seu favor, como confirmadores de sua tese, Aristóteles, Santo Tomás, Alexandre de Hales, Duns Scotus, Alberto Magno, Alexandre de Afrodísia, Avicena, Averróis, Soncinas e Egídio Romano, como se fosse possível uma *reductio ad unum* das posições de todos esses pensadores sobre tal assunto<sup>31</sup>.

Continua o *Doctor Eximius*:

(...) o objeto adequado desta ciência deve compreender Deus e as demais substâncias imateriais, mas não apenas estas. Deve compreender não só as substâncias, como também os acidentes reais, mas não os entes de razão nem os que são totalmente por acidente. E como o dito objeto não pode ser outro além do ente como tal (*ens ut sic*), logo este é o objeto adequado (DM, I, 1, 26).

Propriedade fundamental do ente enquanto tal, segundo Suarez, é a unidade. O ente é uma unidade ontológica indivisa em si. “A unidade consti-

---

30. “Responde-se que ‘ente’ de acordo com essa dupla aceção não significa um duplo constitutivo nocional de ente, dividindo algum constitutivo nocional comum ou conceito comum, mas significa um conceito de ente mais ou menos preciso. Com efeito, ‘ente’ tomado com força de nome significa o que tem essência real, prescindindo da existência atual, na verdade, não a excluindo ou negando, mas apenas abstraindo, dela prescindindo. Mas ‘ente’, na medida em que é partícipio, significa o próprio ente real ou tendo essência real, com existência atual e assim o significa mais restringido” (DM, II, 4, 9).

31. Apesar de a concordância proposta por Suarez entre os autores citados ser no mínimo duvidosa, em nada se questiona a erudição do *Doctor Eximius*, cujo conhecimento dos medievais foi reverenciado por Gilson, que escreveu: “De fato, ele possui um conhecimento da filosofia medieval que um especialista de nossos dias não poderia deixar de invejá-lo” (2008, p. 148).

tui a estrutura absoluta e fundamental do ente. É muito importante destacá-lo porque esta premissa está na origem da sua convicção de que o ente é autônomo e autossuficiente, muito especialmente o ente livre [o homem]” (SARANYANA, 2006, p. 538).

Em suma, Suarez deixa de lado a concepção de ente como *res* particular e efetiva, que existe fora de sua causa (*extra causas*), como o entenderam Aristóteles e Tomás de Aquino, para se filiar a uma tendência, partilhada com Scotus, que concebe o ente como o não-contraditório em si e, portanto, apto a existir, ainda que não exista.

## 2.2. Distinção entre essência e ser

Aqui se pode perguntar qual a relação entre a essência real e a existência atual. Tal questão não é ingênua, dado que desde o século XIII provocou acesas polêmicas entre os defensores de uma distinção real entre *essentia* e *esse* (Tomás de Aquino e seus seguidores), os que afirmavam uma distinção modal<sup>32</sup> (Scotus e os escotistas) e outros partidários de uma distinção meramente nominal.

Suarez trata especificamente desta questão na Disputa XXXI. Para ele, a essência real é aquela possível de vir a ser, através de um ato de criação por Deus, ainda que atualmente não exista. Tal possibilidade significa uma aptidão a ser ou uma não-repugnância a existir, o que distingue a essência real das quimeras ou ficções<sup>33</sup>. De certo modo, a essência nesta acepção é um nada, mas um nada possível ou criável, dotado de potência objetiva (DM, XXXI, 2, 2). Assim, a essência é já entendida a modo de ente possível (= ente real), ao qual ulteriormente pode ser acrescentada a existência em ato, não como algo extrínseco, mas como uma sua virtualidade realizada.

O caráter absoluto da essência terá como consequência direta a neutralização da distinção entre ela e o ser. Com efeito, se ente é aquilo que possui uma essência real e se esta é o que possui constitutivamente um ser (existir) real (não-contraditório) por si, não se vê por que distinguir o que é de tal modo ontologicamente unido.

---

32. “Brevemente, a solução de Scotus ao problema do tipo de relação que há entre essência e existência é que a existência não é mais do que um modo da essência e, por isso, a única distinção possível é a distinção modal. A distinção modal não é uma verdadeira composição. A existência é um modo intrínseco da essência e se define pelo modo de ser desta” (PRIETO LÓPEZ, 2013, p. 172).

33. “(...) da parte da criatura diga-se certa aptidão, ou melhor, não-repugnância, para ser produzida por Deus” (DM XXXI, 2, 2).

Suarez defende, assim, a distinção somente de razão (*ratione tantum*) entre essência e ser, realizando a redução ou recondução da existência à essência. Com efeito, afirma ele que esta distinção “é chamada distinção de razão, porque não são duas coisas, mas apenas uma, que pelo intelecto é concebida e comparada como se fossem duas” (DM XXXI, 3, 1). E ainda: “deve-se dizer por primeiro que a essência criada em ato, constituída fora de [suas] causas, não se distingue realmente da existência, como se fossem duas coisas ou entidades distintas” (DM, XXXI, 6, 1).

Aí está o essencialismo suareziano, criticado duramente por Gilson. De acordo com este, o que Suarez deseja demonstrar, contra Tomás de Aquino, é que entre uma essência posta em ato por criação divina (o chamado *esse actualis essentiae*) e sua existência (o *esse existentiae*) não há distinção a não ser de razão, mas nunca como entre duas realidades efetivamente diversas. Ora, tal formulação já é capciosa: “Dizer que uma essência é um ente atual digno de tal nome (*verum actuale ens*), ou seja, um ente verdadeiramente atual, equivale a dizer que existe” (GILSON, 2008, p. 150). Quem não veria isto? A questão, certamente, é mais profunda.

Ainda segundo Gilson, o que está em jogo aqui é saber se a efetividade de um ente se resolve integralmente em termos de essência, se a essência pode exaurir toda riqueza ontológica do ente (2008, p. 150-151). Para uma mentalidade essencialista, como a de Suarez, contudo, não se precisa ir além. A existência não pode juntar-se à essência como uma determinação exterior porque isso é totalmente supérfluo: “não há meio de supor algo além da essência, uma espécie de duplo fundo do ente onde exista outra coisa que reste ainda a descobrir” (GILSON, 2008, p. 151). Tudo está dado na essência. Entre esta e a existência efetiva, trata-se de uma diferença de pontos de vista sobre uma única realidade.

Concluindo-se com Gilson,

O que importa, ao contrário, sublinhar é a fundamental inaptidão de Suarez para conceber a existência (...) como um ato capaz de exercer uma função distinta e de produzir efeitos especificamente definidos (...). A noção tomista de um ato de existir que, desde o coração mais íntimo da essência, ao atualizá-la permanentemente por sua energia própria, por assim dizer, assegura a unidade da substância e dos acidentes, forma um ente de uma só vez e se expande até fora no dinamismo das operações intrínsecas deste ente, tudo isto é substituído em Suarez pela noção da essência real, cuja própria perfeição basta para dar razão de sua existência e de suas operações (2008, p. 152-153).

Da distinção puramente de razão entre essência e existência se segue uma progressiva substituição, no âmbito da ontologia, do princípio de causalidade (divina, sobretudo) pelo de razão suficiente. Suarez foi acusado de conceber a realidade em seu todo independentemente de Deus (causa suprema). Ele, ao contrário, afirmava que defendia a marca criatural da essência: o fato de ter sido criada como existente *de per se* (possível ou atualmente) sem precisar de um acréscimo exterior. Dito de outro modo, é pela livre iniciativa criadora de Deus que as essências gozam desse privilégio de terem autonomia para existir. Contudo, essa tênue ligação entre essência existente por si e ato criador de Deus que a suscita no ser logo se rompeu. Bastará suspender esta vinculação entre ontologia e teologia para se conceber a essência como algo que funda e fundamenta a existência mesma de modo imanente (ESPOSITO, 2007a, p. 16-17).

### 2.3. Analogia e princípio de individuação

Outro ponto importante da metafísica suareziana é o que se refere à *analogia entis*, que ele trata especialmente na Disputa XXVIII. Eis mais um indício inconfundível do distanciamento de Suarez em relação ao Aquinate<sup>34</sup>. A questão é posta a respeito da relação entre o conceito universal de ente e os entes concretos. Se o conceito de *ente* é único e unívoco, como se poderia explicar a distinção dos entes singulares? (ESPOSITO, 2007a, p. 18).

Haveria, pois, segundo Suarez, uma analogia, não no sentido em que Tomás ensinara – numa referência a um primeiro analogado que possui em plenitude o ser, do qual os demais participam na proporção de sua essência<sup>35</sup> – mas como *relação dos entes determinados com um único conceito objetivo de ente, sob o qual se inclui também Deus*. Esta é a *analogia de atribuição intrínseca* suareziana que introduz, como afirma Esposito, “no coração mesmo da analogia as razões peculiares da univocidade” (2007a, p. 18).

Esta analogia, que é fundada sobre uma ontologia do conceito, repousa sobre a entidade do ente e daí extrai sua origem. O conceito de ente, enquanto objeto da metafísica, mesmo na sua extrema abstração e na sua confusão noética, não constitui um

---

34. Para ulterior aprofundamento, cf. SALAS, 2015, p. 336-362.

35. “Participar” se entende aqui, na esteira da tradição platônica, como o realizar parcialmente em si, na medida da própria essência, o que no primeiro é pleno e por obra deste.

conceito monolítico. Existe, imanente a seu desenvolvimento, um movimento de “transdescendência” que o faz sair de si para realizar-se primeiramente na perfeição infinita do ente supremo e, em seguida, por sua mediação, nos entes finitos. A arquitetura das *Disputas metafísicas* deve seguir este movimento, que não se reduz à ordem da realidade da qual é proveniente, porque ela procede à síntese da diversidade ôntica, tudo para manifestar a inteligibilidade do ser de cada ente (COUJOU, 1999, p. \*36).

A todos os entes, Deus e as criaturas, pode-se e se deve atribuir intrinsecamente a característica fundamental de ser-ente. Suarez quer salvaguardar a unidade e a simplicidade do conceito de ente, que deve poder ser predicado de tudo que é. A criatura, enquanto é ente, não é definida assim por sua dependência do ser do Criador, mas pelo seu próprio ser. O ser-criatura é ser-um-tipo-de-ente e não ser-ente simplesmente. Ser-criatura significa ser-finito e não ser-infinito, o que se aplica unicamente ao Criador. Deus é aqui entendido como um ente entre os entes, *primus inter pares*, diferenciando-se por sua infinitude, em oposição à finitude dos demais entes<sup>36</sup>. A analogia aqui proposta significa a relação entre os entes e o conceito único e unívoco de ente que a todos se aplica, admitindo-se simplesmente uma distinção modal entre finito e infinito e, no âmbito do finito, entre substância e acidentes e outras consequentes.

Em outras palavras, a analogia suareziana é a redução dos entes determinados a seu denominador comum, o seu ser-ente. É somente esta redução ao mínimo ontológico de cada ente que pode exprimir o sentido de ser mais profundo e próprio de tudo que é. Nesta neutra indeterminação é que consiste a analogia para Suarez (ESPOSITO, 2007a, p. 20).

Note-se que tal concepção de analogia corre o grande risco de colocar entre parênteses, como determinação extrínseca, toda referência a Deus, bem ao contrário daquela tomasiana, que insistia na dependência causal das criaturas para com o *Esse ipsum subsistens*.

Em decorrência dessa concepção, Suarez não concede que se tome a *materia signata quantitate* como princípio de individuação, como para Tomás, nem aceita a *haecceitas* escotista, que distinguiria formalmente os singulares

---

36. Quanto à existência de Deus, segundo Suarez, só se pode obter demonstração racional satisfatória por vias metafísicas *a posteriori* (o que se aproxima de Scotus, diferentemente de Tomás, o qual aceitava vias cosmológicas *a posteriori*). Admitida a existência do cosmos, o critério da argumentação deve ser *omne quod fit ab alio fit* e não *omne quod movetur ab alio movetur*, que implica causalidade física. Assim, do contingente se vai ao necessário, que é incriado, simplicíssimo e único (SARANYANA, 2006, p. 544).



dentro da mesma espécie. Para Suarez, “para que um ente se individue, basta o seu ser-ente, já que a entidade mesma comporta essencialmente a sua autodeterminação singular” (ESPOSITO, 2007a, p. 21), que tem a unidade como característica intrínseca e fundamental (DM, V, 6, 1).

É como se a individuação fosse uma inexorável força centrípeta de caráter metafísico, ou uma força de gravidade imanente a cada ente, como reflexo da unidade objetiva do conceito de ente, o qual, de uma parte, entendido como essência abstrata, e o indivíduo, de outra, tido como entidade concreta, são os pontos extremos da mesma tensão à unidade que sustenta as coisas particulares e fundamenta desde dentro o seu existir (ESPOSITO, 2007a, p. 21).

### 3. A recepção da metafísica suareziana

Suarez é um pensador cujo contexto próprio não é outro senão o da escolástica tardia dos séculos XVI e XVII ou escolástica barroca. Aí ele deve ser entendido, dentro das possibilidades e limites de seu tempo. Não obstante isso, a repercussão de sua obra estendeu-se na história.

As DM serviram de inspiração metodológica e sistemática para vários manuais de filosofia publicados por autores escolásticos nos séculos XVII e XVIII<sup>37</sup>, além de serem utilizadas elas mesmas como manual em escolas e universidades europeias tanto católicas como protestantes, como já se mencionou. Na verdade, as DM funcionaram como o canal de ligação entre o pensamento medieval e o moderno, passando ilesa, por assim dizer, do seu ambiente vital religioso para aquele surgido na modernidade, em que se operou a ruptura entre filosofia e teologia cristã.

Entre os autores modernos que receberam os influxos da metafísica suareziana, podem-se citar<sup>38</sup>: Descartes, que estudou as DM com os jesuítas de La Flèche e as utilizou nas suas *Meditações sobre Filosofia Primeira*; Spinoza, cuja doutrina da substância como causa primeira que existe em virtude de sua própria essência tem claras ressonâncias suarezianas, sem se esquecer que o *ens ut sic*, objeto da metafísica segundo Suarez, aplicável à designação tanto do finito quanto do infinito, serve muito bem como substrato ao panteísmo spinoziano; Leibniz, que leu as

37. Destacam-se o *Cursus Philosophicus* do jesuíta Roderigo de Arriago, que chegou à quarta edição em 1647; o *Cursus Philosophicus* de Francisco de Oviedo, de 1640; o *Philosophia metaphysicam physicamque complectens I*, de Rafael Aversa, publicado em 1650 (ESPOSITO, 2007a, p. 36-37, nota 38).

38. Para fundamentação e aprofundamento, cf. ESPOSITO, 2007a, p. 24-26; PRIETO LÓPEZ, 2013, p. 240-261.

DM e as citou em sua tese juvenil sobre o princípio de individuação; Wolff, que foi influenciado por Suarez tanto no conteúdo e na forma manualística de sua grande obra, quanto no âmbito dos conceitos, como se constata nos de ente e essência<sup>39</sup>.

Deste modo, é lícito ver em Suarez um dos pais da moderna ontologia, distinta da metafísica antigo-medieval, que veio a se desenvolver, sobretudo, no âmbito da *Schulmetaphysik* nos séculos XVII e XVIII. O termo *ontologia* foi usado por Rodolphus Goclenius, teólogo reformado, em seu *Lexicon Philosophicum*, publicado em 1613. Foi, na verdade, Christian Wolff quem divulgou tal termo para designar a filosofia do ente em geral e dos primeiros princípios, diferenciando-a da teologia racional, da cosmologia e da psicologia racional, as quais seriam partes da *metaphysica specialis*, enquanto a ontologia seria a *metaphysica generalis*. Pode-se dizer que Suarez esteja na raiz desta distinção, ainda que não tenha sido ele a propô-la<sup>40</sup>.

Entre os filósofos contemporâneos, Schopenhauer<sup>41</sup> cita as DM e Brentano as indica a quem desejasse conhecer as posições dos diversos intérpretes medievais de Aristóteles. É por influência da leitura de Brentano que Heidegger chega a conhecer Suarez, o qual considerará como elo incontornável do medievo com a modernidade, vendo nele uma figura de maior projeção que Tomás de Aquino para a história da metafísica (ESPOSITO, 2007a, p. 26-27)<sup>42</sup>.

Nas últimas décadas, apareceram releituras e avaliações da obra de Suarez, merecendo atenção as posições de Gilson, Honnefelder e Courtine, que se passa a considerar brevemente.

---

39. “Diz-se ente o que pode existir, conseqüentemente aquilo a que não repugna a existência” (WOLFF, 1962 [1730], § 134) e ainda: “Aquilo que é possível ser é ente” (Ibidem, § 135); “Essência é o primeiro que se concebe de um ente e no que se encontra a razão suficiente pela qual tudo o mais ou é ínsito a ele ou pode sê-lo” (Ibidem, §168).

40. Sobre o papel de Goclenius (Göckel), a historiografia filosófica atual demonstra que “(...) é possível falar de nascimento da ontologia na metafísica de Rudolf Göckel porque com Goclenius, pela primeira vez na história, o termo ontologia assume uma valência técnica e específica, voltada a individuar não mais a metafísica no seu conjunto (como tinha sido com Jacob Lohard [o primeiro a usar o termo ontologia em contexto moderno]), nem genericamente uma ciência do ente, mas aquela precisa variante de ciência do ente distinta precisamente da teologia e da *metaphysica*, segundo o léxico de Göckel. A ontologia se caracteriza deste modo como uma disciplina geral, cujo âmbito epistêmico é circunscrito à extensão dada pela intenção lógica do gênero e pela proibição de tratar de cada uma das espécies do ente (...)” (LAMANNA, 2013, p. 311).

41. Cf. BRANDÃO, 2009.

42. Heidegger trata diretamente de Suarez em dois cursos da década de '20, somente publicados em 1975. O primeiro, de 1927, Os problemas fundamentais da fenomenologia, menciona o *Doctor Eximius* a respeito da distinção entre essência e ser, contrapondo sua visão do problema à de Tomás e à de Scotus (HEIDEGGER, 1999 [1975], §10, p. 90-94). O segundo, Os conceitos fundamentais da Metafísica: Mundo, Finitude, Solidão, de 1929-30, possui um parágrafo muito elogioso a Suarez, dentro do contexto das longas Considerações Prévias sobre o conceito de metafísica (HEIDEGGER, 2003 [1975], §14, p. 61-66).

Étienne Gilson percorre os argumentos de Suarez no seu famoso livro *L'être et l'essence*, originalmente publicado em 1948. Em sua avaliação, a obra de Suarez conduz a uma “essencialização” da metafísica, conduzindo-a a se tornar ontologia. Trata-se de uma opção metafísica que inaugura a modernidade filosófica, encontrando o fundamento de tudo na essência real (= possibilidade não-contraditória em si), ao mesmo tempo em que relega a segundo plano o ser/existência, exaltado pela tradição tomista: “a verdadeira existência é o ser em ato da essência, e a atualidade de alguma coisa, totalmente realizada no seu conteúdo essencial, é o sentido originário do existir” (ESPOSITO, 2007b, p. 761). Por que e como as coisas existem não compete à filosofia primeira responder, mas sim à teologia racional, ou à psicologia racional ou à cosmologia, segundo seus objetos próprios de estudo. Segundo Gilson, acontece aqui um banimento do conceito de *existência* do rol dos temas próprios da filosofia primeira e, com isso, tem-se a passagem da *metafísica* clássica antigo-medieval à *ontologia* moderna, como ciência dos entes enquanto concretizações de essências reais. Nesse prisma de genealogia conceitual é que Gilson vê Descartes e Wolff como discípulos de Suarez, Spinoza como discípulo de Descartes, e Kant como discípulo de Wolff (GILSON, 2008, p. 158-186). Por fim, a crítica de Gilson chega a considerar o pensamento suareziano como nominalista, sobretudo conjugando a capacidade de conhecimento dos entes singulares – típica do nominalismo – com a tese suareziana da unidade intrínseca e absoluta de cada coisa existente (DM, V, 1) e com seu abandono do princípio de individuação mediante a *materia signata quantitate* (DM, V, 3; 6).

Ludger Honnefelder, grande estudioso de Duns Scotus, insiste na filiação escotista como determinante no pensamento de Suarez<sup>43</sup>. Segundo ele, o *Doctor Eximius* é aquele por cuja obra a filosofia moderna se tornou uma herdeira das intuições de Scotus e não do Aquinate. A metafísica enquanto *scientia transcendens*, como a entendia Duns Scotus, teria sido sistematizada por Suarez, possibilitando-a continuar presente de alguma forma na tradição filosófica, na linha de pensamento que vai de Wolff a Kant e deste a Peirce. Tal concepção de metafísica parte do conceito unívoco de ente enquanto tal, que se aplica tanto a Deus quanto às criaturas, sendo por isso considerado transcendental, universal (ESPOSITO, 2007b, p. 781-792).

Jean-François Courtine, com sua obra *Suarez et le système de la métaphysique*, publicado em 1990, estabelece um marco nos estudos histórico-filosóficos sobre Suarez e sobre a metafísica moderna. O livro se apresenta em quatro

---

43. De Honnefelder, cf. *Scientia transcendens: Die formale Bestimmung der Seiendheit und Realität in der Metaphysik des Mittelalters und der Neuzeit*. Hambourg: Meiner, 1990; *La métaphysique comme science transcendente entre le Moyen Age et les Temps modernes*. Paris : PUF, 2002.

grandes partes: I. A metafísica no horizonte escolástico; II. O projeto suareziano de metafísica; III. A metafísica como sistema e IV. Metafísica escolar e pensamento moderno. Dois nomes marcam a reviravolta do pensamento metafísico entre medievo e modernidade: Tomás de Aquino e Suarez, mediados por Duns Scotus. Num horizonte mais amplo, Suarez pode ser visto como o momento crucial do movimento especulativo que vai de Aristóteles a Kant. Herdeiro da tradição aristotélico-escolástica, cuja sistematização opera com seu gênio próprio, Suarez lança as bases do que será a metafísica da essência e da subjetividade, própria da modernidade, matéria-prima para a crítica de Kant<sup>44</sup>.

Assim, a obra de Courtine tem como objeto os grandes assuntos que marcam a via de transição da metafísica clássica para a metafísica moderna, sobretudo a questão da analogia, tratada na conclusão; a relação entre os grandes autores do final da Idade Média e inícios da Idade Moderna; a relação entre teologia entendida, à maneira clássica, como metafísica e teologia enquanto *sacra doctrina*, o que está vinculado à questão heideggeriana da onto-teo-logia; a ligação entre sistema suareziano de metafísica e *mathesis universalis* cartesiana.

### Considerações finais

Francisco Suarez possui, inegavelmente, um lugar de destaque entre os pensadores que marcaram a história da filosofia, em especial, da metafísica. Sua importância não pode ser olvidada, ainda que não se concorde com ele em todas as suas opções teóricas.

Suarez, impelido por motivações religiosas, dedica-se a refletir sobre o legado metafísico da tradição aristotélica. Pode-se afirmar que ele “filtra” os conceitos fundamentais de Aristóteles mediante os medievais. Dentre esses, Tomás de Aquino e Duns Scotus sobressaem como intérpretes do Estagirita. Suarez também “filtra” o pensamento de Tomás através de Scotus, o qual se torna realmente o crivo de sua recepção de Aristóteles. Com certa ousadia se pode afirmar que a obra suareziana constitui-se no resíduo metafísico da tradição aristotélica que a então incipiente modernidade pôde acolher na formação de sua cosmovisão filosófica própria.

Como pontos fortes que Suarez deixou a seus pósteros, podem-se elencar:

---

44. “A ‘essencialização’ do Ser e o consequente esvaziamento do procedimento analógico apontam o caminho que será seguido pela metafísica da subjetividade a partir de Descartes, e pela *Schulmetaphysik* alemã, alvo designado da crítica de Kant” (LIMA VAZ, 1994, p. 403).

- a) A mudança metodológica de apresentação do pensamento filosófico, pondo-se de lado a predominância do gênero do comentário, tipicamente medieval, para se adotar a exposição sistemática;
- b) A substituição do *subjectum scientiae*, de cunho aristotélico, pela concepção de um *objectum scientiae*, próprio da escola escotista, que “assinala, de fato, o triunfo definitivo, no domínio da metafísica, da *representação* sobre o ser ou do *esse objectivum* sobre o *esse in re*, que prevalece em toda a filosofia moderna” (LIMA VAZ, 1994, p. 401);
- c) A adoção do conceito unívoco de ente (*ens ut sic*), indeterminado, omniabrangente (incluindo sob sua consideração o possível e o efetivo, o absoluto e o relativo, o finito e o infinito, as criaturas e Deus criador), de onde decorre a não-admissão da *distinctio realis* entre essência e ato de ser e a rejeição da doutrina tomasiana da *analogia entis*;
- d) A “entificação” de Deus, considerado anteriormente por Tomás de Aquino como o *Esse ipsum subsistens*, tido agora como sumo na escala dos entes, subordinado gnosiologicamente ao *ens ut sic*, o que estará doravante presente na constituição onto-teológica da metafísica moderna.

Resta concluir que Suarez não se esquivou do propósito inerente à filosofia de buscar arduamente a *veritas rerum*, utilizando para isso os instrumentos teóricos de que dispunha na época, não podendo ser considerado apenas um filósofo eclético, desbravador de uma terra de ninguém no interregno das escolas filosóficas. Algo, contudo, parece certo, como afirmou Lima Vaz (1994, p. 400): “a formação do sistema moderno de metafísica só pode ser descrita a partir da ‘destruição’ escotista da metafísica tomásica do *esse*”, prosseguida e difundida por Suarez. Nisso reside sua nobre condição de matriz irrenunciável da modernidade filosófica, ainda que à revelia de seu intuito inicial. Tal ambiguidade se evidencia no fato de Suarez ser considerado por uns (Heidegger e Honnefelder, por exemplo) como o precursor imediato do pensamento moderno, o que é, sem dúvida, um título de glória para ele que, entretanto, faz-se acompanhar de um lado reverso de obscuridade, apontado por outros (Gilson, Siewerth, Lima Vaz, Esposito *et alii*).

Com efeito, já se afirmou aqui que a intenção de Suarez era desenvolver uma metafísica que servisse de fundamentação à teologia, manifestando a sabedoria e a glória divinas na ordem natural. Ora, os resultados de sua obra apresentam uma cada vez maior possibilidade de se prescindir de Deus na compreensão do real, já que ele não passa de um ente entre os outros. Não mais apare-

ce, como em Tomás de Aquino, a dependência radical dos entes finitos todos para com Deus, o que se expressava nos conceitos de participação e analogia. A partir da obra de Suarez, seguindo a trilha de Scotus, ocorre uma progressiva diminuição do recurso a Deus como causa última do ser dos entes. Assim, cada vez mais prescindindo de Deus, a metafísica se tornará ontologia pura (ESPOSITO, 2007b, p. 781-792). Ainda no dizer de Esposito, portanto, “a modernidade não nasceria somente, ou tanto, como uma saída da filosofia em relação à fé, mas como um determinado tipo de sistematização da fé a partir da filosofia” (2007b, p. 812), o que teria servido de base à secularização a que se tem assistido ultimamente.

Para bem ou para mal, Suarez é o ponto nodal a partir do qual se desenvolve o tipo de reflexão filosófica que plasma o *modus cogitandi et vivendi* dos últimos séculos e, por isso, o encontro com ele é indispensável se se quiser compreender a modernidade e seus atuais epígonos.

## **Bibliografia**

- BAUER, E. J. “Francisco Suarez: Escolástica após o humanismo”. In: BLUM, P. R. (Org.). *Filósofos da Renascença*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003, p. 268-287.
- BRANDÃO, E. *A Conceção de Matéria na Obra de Schopenhauer*. São Paulo: Humanitas, 2009.
- COUJOU, J.-P. *Suarez et la refondation de la métaphysique comme ontologie*. Louvain-Paris: Institut Supérieur de Philosophie: Peeters, 1999.
- COURTINE, J.-F. *Suarez et le système de la métaphysique*. Paris: PUF, 1990.
- ESPOSITO, C. “Introduzione”. In: SUAREZ, F. *Diputazioni Metafisiche*. Milano: Bompiani, 2007a, p. 7-39.
- ESPOSITO, C. “Le Diputazioni Metafisiche nella critica contemporanea”. In: SUAREZ, F. *Diputazioni Metafisiche*. Milano: Bompiani, 2007b, p.745-853.
- GILSON, E. *L'être et l'essence*. 3a. ed. Paris: Vrin, 2008.
- HEIDEGGER, M. *I problemi fondamentali della fenomenologia*. Genova: Il Melangolo, 1999.
- HEIDEGGER, M. *Os conceitos fundamentais de Metafísica: Mundo, Finitude, Solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- HONNEFELDER, L. *La métaphysique comme science transcendente entre le Moyen Age et les Temps modernes*. Paris: PUF, 2002.
- LAMANNA, M. *La nascita dell'ontologia nella metafisica di Rudolph Göckel (1547-1628)*. Hildesheim: Olms, 2013.
- LIMA VAZ, H. C. de. “Metafísica: História e Problema”. *Síntese Nova Fase*, n. 66, 1994, p. 395-406.
- PRIETO LÓPEZ, L. *Suarez y el destino de la metafísica: de Avicena a Heidegger*. Madrid: BAC, 2013.
- SALAS, V. “Between Thomism and Scotism: Francisco Suarez on the Analogy of being”. In: SALAS, V.; FASTIGGI, R. L. (Ed.). *A Companion to Francisco Suarez*. Leiden-Boston: Brill, 2015, p. 336-362.
- SARANYANA, J.-I. *A Filosofia Medieval: Das origens patrísticas à escolástica barroca*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2006.
- SUAREZ, F. *Disputaciones Metafísicas*. Trad. S. Rábade Romeo; S. Caballero Sánchez e A. Puigcerver Zanón. Edição bilingue, 7v. Madrid: Gredos, 1960-1964 (Biblioteca Hispánica de Filosofia).
- WOLFF, Ch. *Philosophia Prima sive Ontologia*. Hildesheim: Olms, 1962 [1730].

**Ratio et discursus totius operis**

## AD LECTOREM

Quemadmodum fieri nequit ut quis Theologus perfectus evadat, nisi firma prius metaphysicae iecerit fundamenta, ita intellexi semper operae pretium fuisse ut, antequam Theologica scriberem Commentaria (quae partim iam in lucem prodire, partim collaboro ut quam primum, Deo favente, compleantur) opus hoc, quod nunc, christiane lector, tibi offero, diligenter elaboratum praemitterem, Verum, iustas ob causas, lucubrationes in tertiam D. Thom. partem differre non potui easque primum omnium praelo mandare oportuit. In dies tamen luce clarius intuebar, quam illa divina ac supernaturalis Theologia hanc humanam et naturalem desideraret ac requireret, adeo ut non dubitaverim illud inchoatum opus paulisper intermittere, quo huic doctrinae metaphysicae suum quasi locum ac sedem darem, vel potius restituerem. Et quamvis in eo opere elaborando diutius immoratus fuerim quam initio putaveram, et quam multorum expostulatio, qui commentaria illa in tertiam partem, vel (si sperari potest) in universam D. Thom. Summam, perfecta desiderant, tamen suscepti laboris numquam me poenitere potuit, confidoque lectorem sententiam meam, vel ipso adductum experimento, comprobaturum.

Ita vero in hoc opere philosophum ago, ut semper tamen prae oculis habeam nostram philosophiam debere christianam esse, ac divinae Theologiae ministram. Quem mihi scopum praefixi, non solum in quaestionibus pertractandis, sed multo magis in sententiis seu opinionibus seligendis, in eas propendens, quae pietati ac doctrinae revelatae subservire magis viderentur. Eamque ob causam, philosophico cursu nonnunquam intermisso, ad quaedam Theologica diverto, non tam ut in illis examinandis aut accurate explicandis immorer (quod esset abs re de qua nunc ago), quam ut veluti digito indicem lectori quam ratione principia metaphysicae sint ad Theologicas veritates confirmandas referenda et accommodanda. Fateor me in divinis perfectionibus, quae attributa vocant, contemplandis, immoratum fuisse diutius quam alicui



## Razão e percurso de toda a obra

Ao Leitor

Assim como não é possível que alguém se torne um teólogo acabado se não lançar primeiro os firmes fundamentos da metafísica, assim também sempre entendi que valesse a pena, antes de escrever comentários teológicos (que em parte já vieram à luz, parte trabalho para que se completem, o mais rápido, com o favor de Deus), lançar esta obra, que agora te ofereço, leitor cristão, cuidadosamente elaborada. Na verdade, por justas causas, não pude adiar as reflexões sobre a terceira parte de Santo Tomás e foi preciso enviá-las ao prelo antes de todas. A cada dia, no entanto, via com mais clara luz, o quanto aquela teologia divina e sobrenatural desejava e requeria esta humana e natural; até que não duvidei em interromper um pouco aquela obra principiada, pelo que daria, ou melhor, restituiria a esta doutrina metafísica como que o seu lugar e sede. Se bem que, ao elaborar esta obra, tenha demorado mais do que pensei de início e do que o pedido de muitos que desejam que aqueles comentários sobre a terceira parte ou (se é possível esperar) sobre toda a *Suma* de Santo Tomás sejam terminados, nunca pude me arrepender do trabalho empreendido e confio que o leitor, o meu parecer ou o que lhe foi entregue, há de comprovar pelo próprio experimento.

Na verdade, assim me comporto como filósofo nesta obra, de modo que sempre tenha diante dos olhos que nossa filosofia deve ser cristã e servidora da divina teologia. Escopo que me prefixei não só nas questões a serem tratadas, mas muito mais nos pareceres ou opiniões a serem adotados, propendendo para aqueles que parecem mais servir à piedade e às doutrinas reveladas. Por esta causa, interrompendo às vezes o desenvolvimento filosófico, me desvio para algo teológico, não tanto para que me demore em examiná-lo ou explicá-lo acuradamente (o que seria fora do assunto de que me ocupo agora), quanto para, como que indique, com o dedo, ao leitor por qual razão os princípios metafísicos devem ser referidos e adaptados para a confirmação das verdades teológicas. Confesso que me detive mais demoradamente do que talvez, a alguém, o presente intento pareceria exigir, na consideração das perfeições divinas que chamam de atributos; mas, instigou-me por primeiro a dignidade e elevação do assunto e,

fortasse praesens institutum exigere videretur; at compulit me rerum imprimis dignitas et altitudo, deinde quod mihi nunquam visus sum luminis naturalis, atque adeo nec metaphysicae, limites transilire.

Et quoniam iudicavi semper magnam ad res intelligendas ac penetrandas, in eis convenienti methodo inquirendis et iudicandis, vim positam esse, quam observare vix aut ne vix quidem possem, si, expositorum more, quaestiones omnes, prout obiter et veluti casu circa textum Philosophi occurrunt, pertractarem, idcirco expeditius et utilius fore censui, servato doctrinae ordine, ea omnia inquirere et ante oculos lectoris proponere, quae de toto huius sapientiae obiecto investigari et desiderari poterant. Illud vero obiectum quodnam sit, explanat prima huius operis disputatio, simulque in ea praefamur dignitatem, utilitatem et caetera quae in prooemiis scientiarum scriptores praemittere consueverunt. Deinde, in priori tomo eiusdem obiecti amplissima et universalissima ratio, quae, videlicet, appellatur ens, eiusque proprietates et causae diligenter expenduntur. Et in hac causarum contemplatione latius quam fieri soleat immoratus sum, quod et perdifficilem illam, et ad omnem philosophiam et Theologiam utilissimam esse existimaverim. In tomo autem altero inferiores eiusdem obiecti rationes prosecuti sumus, initio sumpto ab illa entis divisione in creatum et creatorem, utpote quae prior est, et entis quidditati vicinior, et ad huius doctrinae decursum aptior; qui subinde procedit per contentas sub his partitiones ad usque genera omnia et gradus entis, qui intra huius scientiae terminos seu limites continentur.

Quia tamen erunt permulti, qui doctrinam hanc universam Aristotelis libris applicatam habere cupient, tum ut melius percipiant quibus tanti philosophi principiis nitatur, tum ut eius usus ad ipsum Aristotelem intelligendum facilius sit ac utilior, hac etiam in re lectori inservire studui, indice [quem toti operi praescripsimus] a nobis elaborato, quo, si attente legatur, facillime (ni fallor) poterunt omnia, quae Aristoteles in libris Metaphysicae pertractavit, et comprehendere et memoria retineri; rursusque prae manibus haberi quaestiones omnes quae inter illos libros exponendos excitari solent.

Demum, benignum lectorem admonendum duximus, unum quidem opus hoc esse, nec eius disputationes fuisse ab uno volumine seiungendas, nisi aliqua nos ratio coegisset. Nam imprimis ne mole sua nonnihil afferret molestiae, in duo volumina illud divisimus; deinde vero, ut, quoad fieri posset, nostrorum laborum studiosis debitum officium

em seguida, que nunca me vi ultrapassar os limites da luz natural nem muito menos os da metafísica.

Porque sempre julguei que uma grande força, para entender e examinar a fundo os assuntos, reside em investigá-los e avaliá-los com o método adequado, o que mal poderia observar ou nem mesmo mal, se, a modo dos comentadores, tratasse todas as questões na medida em que ocorrem incidentalmente ou como que por acaso a respeito do texto do Filósofo. Por isso, julguei que seria mais adequado e útil, observando a ordem do ensino, inquirir e propor ante os olhos do leitor tudo o que pode ser investigado e desejado sobre todo o objeto desta sabedoria. Mas, o que seja este objeto, a primeira disputa desta obra o explica e, simultaneamente, nela antecipamos a dignidade, utilidade e o demais que os escritores costumam antepor nos proêmios das ciências. Em seguida, no primeiro tomo são examinados atentamente a mais ampla e universal noção<sup>85</sup> deste mesmo objeto, que é denominado ente e suas propriedades e causas. Na consideração destas causas demorei-me mais amplamente de quanto é costume fazê-lo, por julgar que é, tanto muitíssimo difícil como utilíssima para toda a filosofia e a teologia. Mas, no tomo segundo, prosseguimos com as noções inferiores do mesmo objeto, tendo começado a partir daquela divisão do ente em criado e criador, como a que é primeira, mais próxima da quiddidade do ente e mais apta para o desenvolvimento desta doutrina, o qual prossegue pelas divisões contidas sob estes até todos os gêneros e graus do ente que estão contidos dentro dos limites desta ciência.

No entanto, como haverá muitos desejosos de ter a totalidade desta doutrina cotejada com os livros de Aristóteles, tanto para que percebam melhor em quais princípios tão grande filósofo se apoia, quanto para que o seu uso para entender o próprio Aristóteles seja mais fácil e mais útil, também neste assunto me esforcei por servir ao leitor, pelo índice por nós elaborado, pelo qual, se for lido atentamente, poderá com toda facilidade (se não me engano) ser compreendido e retido na memória tudo que Aristóteles tratou nos livros da *Metafísica* e, por outro lado, serem tidas à mão todas as questões que é costume suscitar-se acerca destes livros ao comentá-los.

Enfim, julgamos que o benigno leitor devia ser advertido de que esta é uma só obra, nem suas disputas tiveram que ser separadas de um só volume, senão

---

85. Traduzimos o termo “ratio”, seguido de um genitivo, por “noção”, tendo em conta a seguinte observação de Santo Tomás de Aquino: “De um quarto modo, chama-se ‘razão’ algo simples abstraído de muitos, assim como chama-se de ‘razão de homem’ aquilo que pela consideração é abstraído dos singulares, pertinente à natureza dos homens”. *In librum beati Dionysii De divinis nominibus expositivo*. C. VII, liv. V, nº 735.

praestaremus, hoc prius emisimus statim ac e praelo prodiit; quamvis aliud eo iam processerit, ut existimem non prius hanc partem perlectam fore, quam illa fuerit in lucem edita. Utinam utraque et caetera quae molimur in magnam Dei Optimi Maximi gloriam, et Ecclesiae Catholicae utilitatem cedant. Vale.

porque alguma razão nos obrigasse. Pois, por primeiro, para que não trouxesse algum incômodo pelo tamanho, a dividimos em dois volumes. Enfim, para que, o quanto seja possível, prestarmos aos estudiosos de nossos trabalhos o devido serviço, lançamos este primeiro, tão logo saído do prelo, embora o outro já tenha avançado de tal modo, que estimo que esta primeira parte não estará lida antes que aquele venha à luz. Oxalá, ambos e o demais que projetamos revertam em grande glória do Deus Ótimo Máximo e utilidade para a Igreja Católica. Passe bem.

**DISPUTATIONES METAPHYSICAE**

**UNIVERSAM DOCTRINAM DUODECIM LIBRORUM  
ARISTOTELIS COMPREHENDENTES**

PROOEMIUM

Divina et supernaturalis theologia, quamquam divino lumine principiisque a Deo revelatis nitatur, quia vero humano discursu et ratiocinatione perficitur, veritatibus etiam naturae lumine notis iuvatur, eisque ad suos discursus perficiendos, et divinas veritates illustrandas, tamquam ministris et quasi instrumentis utitur. Inter omnes autem naturales scientias, ea quae prima omnium est et nomen primae philosophiae obtinuit, sacrae ac supernaturali theologiae praecipue ministrat. Tum quia ad divinarum rerum cognitionem inter omnes proxime accedit, tum etiam quia ea naturalia principia explicat atque confirmat, quae res universas comprehendunt omnemque doctrinam quodammodo fulciunt atque sustentant. Hanc igitur ob causam, quamvis gravioribus sacrae theologiae commentationibus ac disputationibus pertractandis et in lucem emittendis sim distentus, earum cursum paululum intermittere vel potius remittere sum coactus, ut quae de hac naturali sapientia ante plures annos iuvenis elaboraveram et publice dictaveram, saltem successivis temporibus recognoscerem et locupletarem, ut in publicam utilitatem omnibus communicari possent. Cum enim inter disputandum de divinis mysteriis haec metaphysica dogmata occurrerent, sine quorum cognitione et intelligentia vix, aut ne vix quidem, possunt altiora illa mysteria pro dignitate tractari, cogebam saepe aut divinis et supernaturalibus rebus inferiores quaestiones admiscere, quod legentibus ingratum est et parum utile; aut certe, ut hoc incommodum vitarem, in huiusmodi rebus sententiam meam breviter proponere et quasi nudam fidem in eis a legentibus postulare. Quod et mihi quidem molestum, et illis etiam importunum videri merito potuisset. Ita enim haec principia et veritates metaphysicae cum theologice conclusionibus ac discursibus cohaerent ut si illorum scientia ac perfecta cognitio auferatur, horum etiam

## DISPUTAS METAFÍSICAS

### COMPREENDENDO TODA A DOCTRINA DOS DOZE LIVROS DE ARISTÓTELES

#### *Proêmio*

A teologia divina e sobrenatural, embora se apoie na luz divina e nos princípios revelados por Deus, por se elaborar pelo discurso e a raciocinação humana, também é ajudada pelas verdades conhecidas pela luz da natureza e delas se serve, como servidoras e como que instrumentos, para elaborar seus discursos e iluminar as verdades divinas. Ora, entre todas as ciências naturais, aquela que é a primeira de todas e recebeu o nome de filosofia primeira, sobretudo, serve à teologia sagrada e sobrenatural. Tanto porque, entre todas, chega muito perto ao conhecimento das coisas divinas, como também porque explica e confirma aqueles princípios naturais, que abarcam a totalidade das coisas e, de certo modo, apoiam e sustentam toda doutrina. Portanto, por esta causa, embora esteja ocupado com o exame acurado e a publicação de comentários e disputas mais importantes de sagrada teologia, estou obrigado a interromper um pouco, ou antes, a postergar o seu desenvolvimento, para revisar e completar o que elaborei e professei publicamente, pelo menos com o correr do tempo, sobre esta sabedoria natural, há vários anos, quando jovem, para que pudesse ser comunicado a todos para utilidade pública. Com efeito, como, ao disputar sobre os mistérios divinos, ocorressem estas conclusões metafísicas, sem o conhecimento e compreensão das quais, quase não ou, de fato, nem mesmo quase não, podem ser tratados com dignidade aqueles mistérios mais elevados, era obrigado frequentemente, ou misturar questões inferiores às coisas divinas e sobrenaturais, o que é desagradável e pouco útil para os leitores, ou, com certeza, para evitar este incômodo, propor brevemente meu parecer nesses assuntos e como que exigir dos leitores uma fé nua neles. O que, de fato, poderia, com razão, parecer, tanto incômodo para mim como também inoportuno para eles. De fato, estes princípios e verdades da metafísica estão de tal modo ligados com as conclusões e discursos teológicos que, se for retirada a ciência e o conhecimento perfeito daqueles é necessário que também a ciência destes seja abalada em excesso. Incitado, portanto,

scientiam nimium labefactari necesse sit. His igitur rationibus et multorum rogatu inductus, hoc opus praescribere decrevi, in quo metaphysicas omnes disputationes ea doctrinae methodo complecterer quae ad rerum ipsarum comprehensionem et ad brevitatem aptior sit, revelataeque sapientiae inserviat magis. Quapropter necessarium non erit in plures libros opus hoc distribuere seu partiri; nam brevi disputationum numero, ea omnia, quae huius doctrinae sunt propria, quaeve subiecto eius sub ea ratione, qua in ipsa consideratur conveniunt, comprehendi et exhauriri possunt; quae vero ad puram philosophiam aut dialecticam pertinent (in quibus alii metaphysici scriptores prolixè immorantur), ut aliena a praesenti doctrina, quoad fieri possit, resecabimus. Prius vero quam de materia huic doctrinae subiecta dicere incipiam, de ipsamet sapientia seu metaphysica eiusque obiecto, utilitate, necessitate, attributisque illius atque muneribus, Deo auspice, disserere aggrediar.



por estas razões e pelo pedido de muitos, decidi escrever previamente esta obra, na qual recolheria todas as disputas metafísicas pelo método de ensino que seja mais apto à compreensão dos assuntos e à concisão e que mais sirva à sabedoria revelada. Pelo que não será necessário distribuir ou dividir esta obra em vários livros. Pois, pode ser abrangido e exaurido num breve número de disputas tudo o que é próprio desta doutrina ou que caiba ao seu tema de estudo, sob o aspecto sob o qual é nela considerado. No entanto, excluiremos, o quanto for possível, o que pertence à pura filosofia ou à dialética (no que outros escritores metafísicos se detêm prolixamente), como estranho à presente doutrina. Antes, porém, de começar a falar sobre a matéria sujeita a esta doutrina, abordarei a própria sabedoria ou metafísica e seu objeto, utilidade e necessidade, bem como seus atributos e funções, sob o auspício de Deus.